ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

CONTOS E POEMAS

SOBRE O FUTURO

ANTOLOGIA NACIONAL

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-78169-4
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

UMA PROFESSORA COM "P" MAIÚSCULO, POR ACÉSARVEIGA, PÁG. 05
VIVER, POR CRISTINA MICHELLE S. BRANDÃO DE CARVALHO, PÁG. 09
COMO SERÁ?, POR IDALMIR FIGUEIREDO CORREIA, PÁG. 11
TALVEZ AMANHÃ, POR MEIRE MARION, PÁG. 14
A DERROCADA DO MAL, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 16
VOANDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 22
NADA VEM COM GARANTIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 24
SEM LIMITES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 26
O TEMPO URGE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 28
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 30

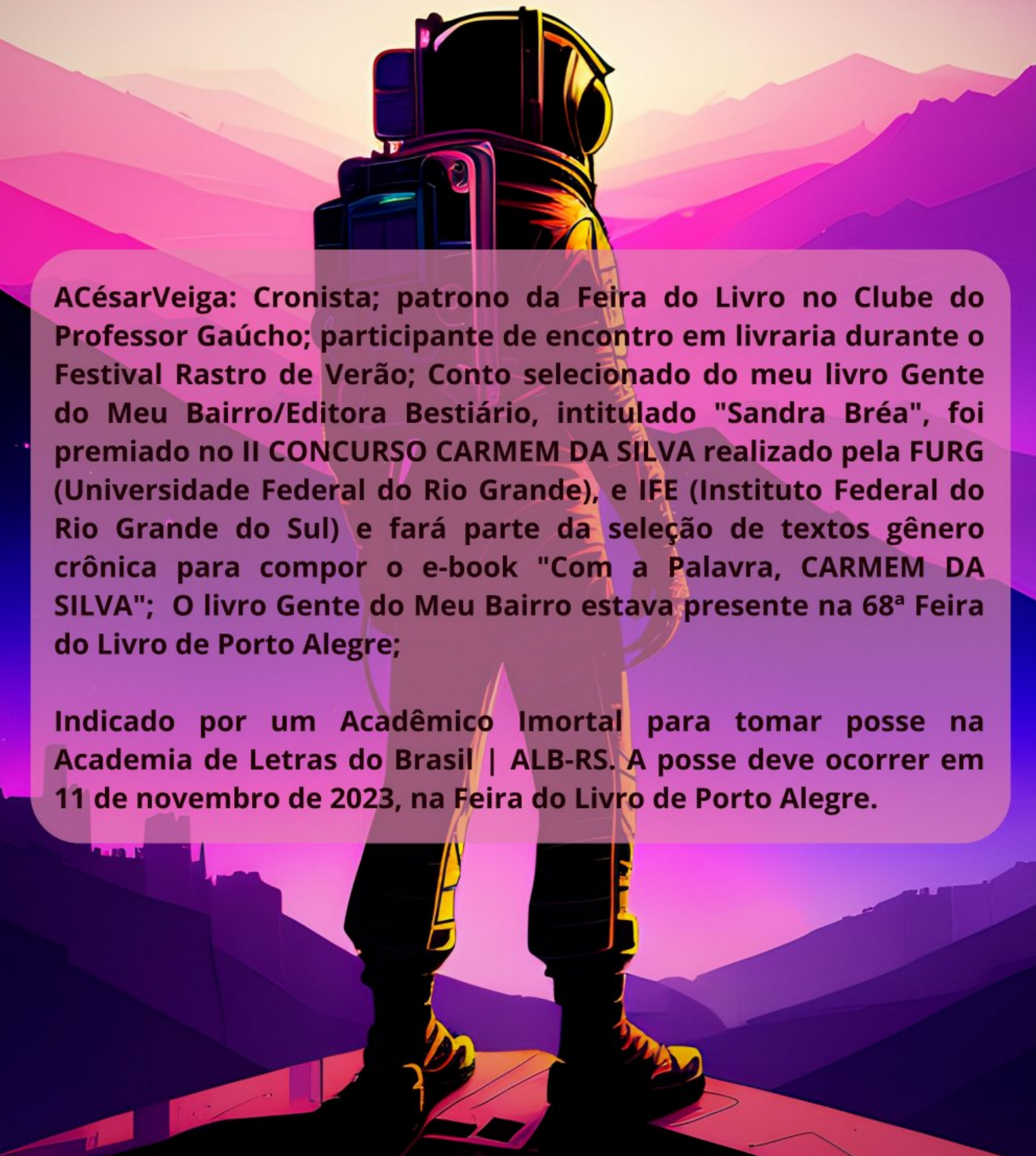
VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Uma professora com "P" maiúsculo

Por ACésarVeiga



ACésarVeiga: Cronista; patrono da Feira do Livro no Clube do Professor Gaúcho; participante de encontro em livraria durante o Festival Rastro de Verão; Conto selecionado do meu livro Gente do Meu Bairro/Editora Bestiário, intitulado "Sandra Bréa", foi premiado no II CONCURSO CARMEM DA SILVA realizado pela FURG (Universidade Federal do Rio Grande), e IFE (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) e fará parte da seleção de textos gênero crônica para compor o e-book "Com a Palavra, CARMEM DA SILVA"; O livro Gente do Meu Bairro estava presente na 68ª Feira do Livro de Porto Alegre;

Indicado por um Acadêmico Imortal para tomar posse na Academia de Letras do Brasil | ALB-RS. A posse deve ocorrer em 11 de novembro de 2023, na Feira do Livro de Porto Alegre.

Lembra, daquela “professora” de Geografia do Colégio Padre Reus, que ofertava suas aulas usando minissaias que cobriam não muitos centímetros da região que se estende ao sul da cintura? Hein?

Abancava sobre a classe na frente do quadro verde e corriqueiramente acendia um cigarro com gestos harmônicos dignos de uma clássica bailarina; e ao tragar, aquela fumaça envolvente misturava-se ao que narrava ocasionando um misto de admiração, êxtase, inveja, firmeza, domínio e contagiante alegria enquanto os alunos...

...bem, ficávamos simplesmente atônitos degustando tudo aquilo.

Quando o sinal anunciava a iminência da aula de Geografia sabíamos ter pela frente uma aventura e tanto com muitos sobressaltos no meio do caminho, onde quem sabe ninguém enxergaria nada, pois ela via tudo.

Suas aulas como “bolhas de sabão” cresciam para todos os lados, estouravam sobre nossas cabeças e ao terminar desapareciam sem deixar vestígios, a não ser aquele “ensinamento total” para quem estava alerta a vida.
(sabia combinar a ousadia com decisões de ações muito prudentes a nós jovens)

Tinha tanta certeza de que tudo mudaria para aquela geração que em vez de procurar afastar os temas contrários e proibidos, provocava-os tornando as palavras o tipo de ante
sala onde nossos sonhos se tornassem reais.

E assim, quando soava o sinal indicando terminada a aula de Geografia escutava — se:

— Ohhhhhhhhhhhhhhh! — na totalidade pronunciado pelos rapazes.
(éramos muito estudiosos e interessados no saber — risos)

Essas narrativas na aula de Geografia que se espalhavam como fogo em feno pela Escola — não chegaram a formar um quadro demonológico na comunidade escolar, mas que se convertiam no assunto predileto dos alunos, isso não podemos negar...
(e certamente não ficarão para trás pois deixaram fartas saudades!)

Hoje sei que suas ideias avançadas para a época (década de 70) encontraram ecos contrários muito maiores nos discursos dos retrógrados — manobra típica dos conservadores — do que aos endereçados à exaltação do novo.

Sim, atraiu para sua órbita possíveis aliados e adversários, pois não seguia estas regras impostas, isto é, as que estavam sujeitas a votação, nem que eram questões de opinião. Mostrava para aquele que desejasse ver os caminhos de sucesso, que iam além dos estereótipos da mulher dona de casa e do negro jogador de futebol — tão presentes entre os estudantes da época.

Sua sensualidade, opiniões e personalidade eram perigosos e ao mesmo tempo libertadores de muita gente.
(esses temas já se mostravam francamente problemáticos na época)

Naquela geração, às mulheres não era aconselhável usar cabelos curtinhos, pintar os cabelos, vestir de maneira provocante ou empregar qualquer artifício de sedução fora do padronizado. Isso era tão importante que a desobediência em relação a essas regras poderia impedir a mulher de receber aceitação dos demais, podendo ser interpretados como símbolos de descontração sexual, ardor erótico, temperamento impetuoso ou mesmo proximidade a atitudes patológicas...

...mas apesar disso nossa “profe” mostrava que considerava a mulher, por essência, não um ser lascivo, insaciável, destinado à luxúria, e que a beleza demoníaca de suas formas era a causa do enfraquecimento masculino e sua ruína...

...bem pelo contrário, sua imagem feminina era exuberante, viril, agressiva – por assim dizer —, autossuficiente, lucida e sobretudo revelava que havia conquistado a liberdade de ser ela mesma.
(uma mulher que dificilmente algum macho conseguiria banalizar)

E nós os jovens nunca imaginávamos que naquela época calávamos não por medo de perder, mas por medo de vencer com os terríveis custos que a vitória de ser livre poderia trazer.

Em cada dia, enfrentávamos lutas diferentes e em todas elas estavam presentes a ideia da liberdade. Em cada lugar, algo diferente, pois diferentes eram as guerras e nem

sempre seria possível não fazer. A tentativa do impossível transformava-se pelo sonho e pela esperança.

Em todo lugar a inscrição: “é proibido” originava uma luta constante contra todas as formas da repressão – fossem elas sociais e/ou familiares.

Por consequência “Ela” mostrou que determinadas crenças nossas, que muitos desdenhavam, estavam corretas e que não deveríamos ficar na cena do cotidiano mais como um maluco qualquer, mas como um maluco de respeito social.

Certo dia a ouvi dizer:

— Na pergunta mais que na resposta, está o grande pulo do gato de toda a vida. Então questionem sempre!

Essa foi a professora Ana Marlene (Anna Marleine Bittencourt Selbach) de Geografia!

Gostaria muito em dizer que minha vida a partir daquela vivência escolar dividiu-se em AAM e DAM (antes da professora Ana Marlene e depois dela)

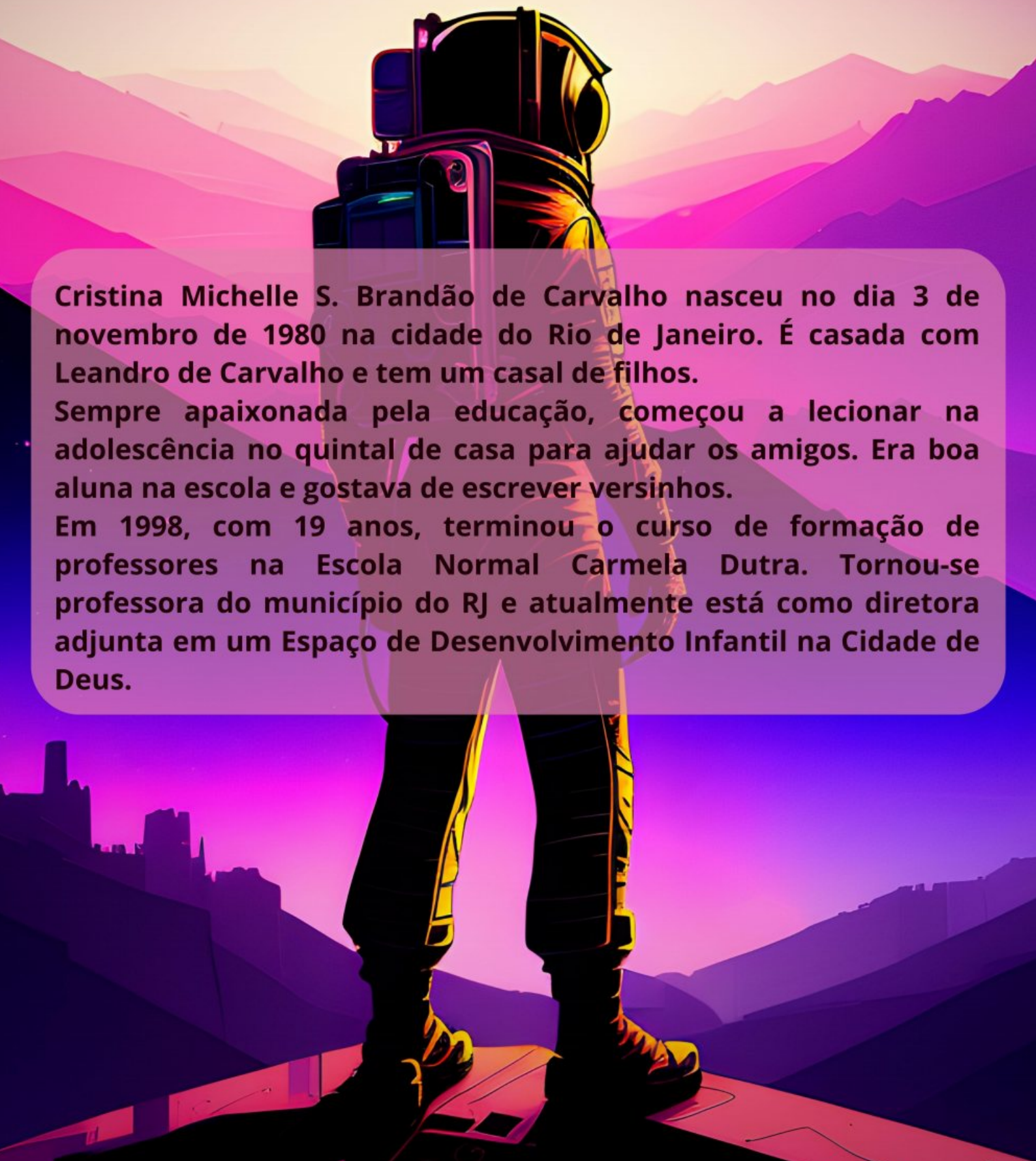
Foi um ícone. Uma professora com “P” maiúsculo.

Alguém gostaria de dizer mais alguma coisa?

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Viver

Por Cristina Michelle S. Brandão de Carvalho



Cristina Michelle S. Brandão de Carvalho nasceu no dia 3 de novembro de 1980 na cidade do Rio de Janeiro. É casada com Leandro de Carvalho e tem um casal de filhos.

Sempre apaixonada pela educação, começou a lecionar na adolescência no quintal de casa para ajudar os amigos. Era boa aluna na escola e gostava de escrever versinhos.

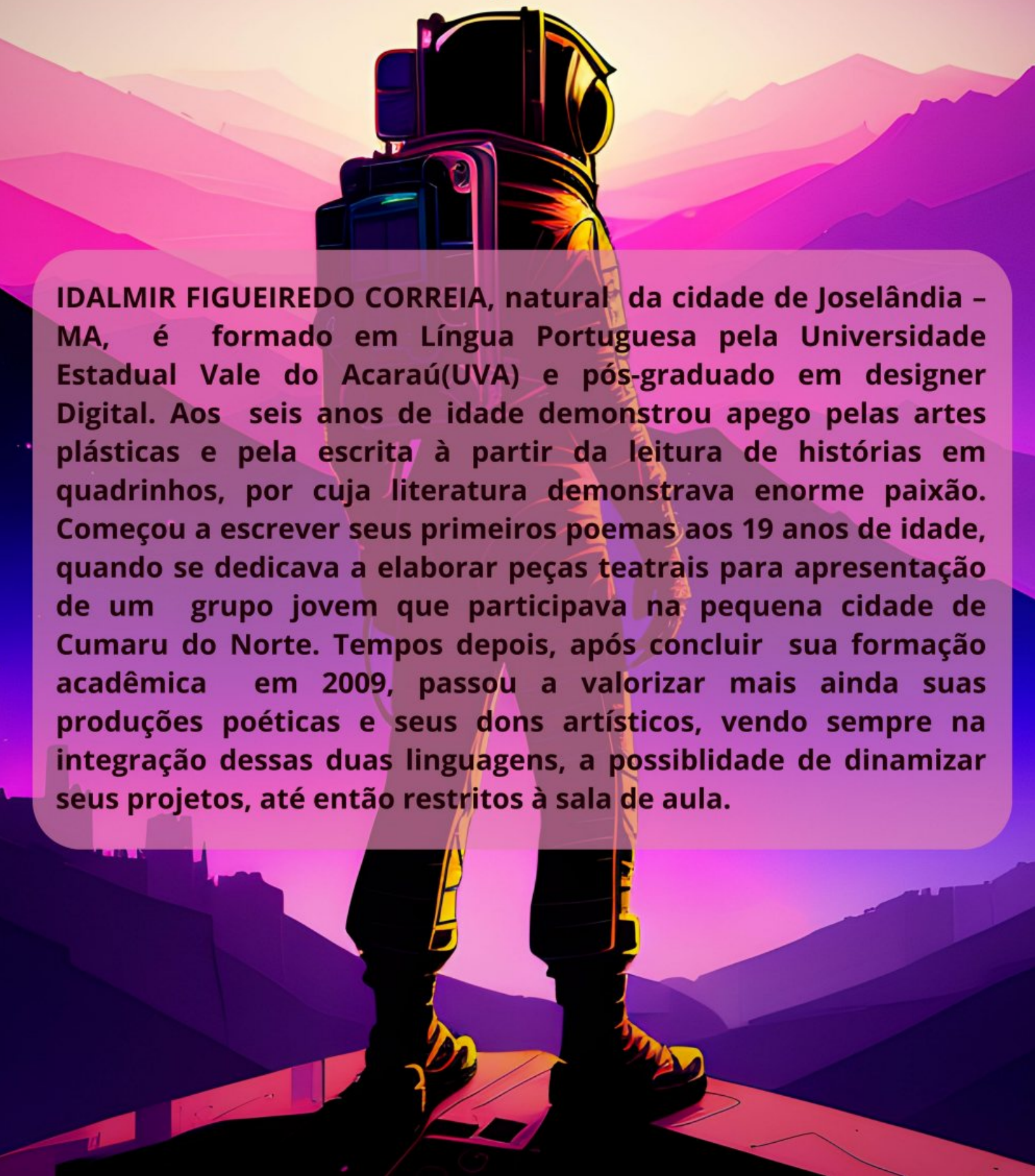
Em 1998, com 19 anos, terminou o curso de formação de professores na Escola Normal Carmela Dutra. Tornou-se professora do município do RJ e atualmente está como diretora adjunta em um Espaço de Desenvolvimento Infantil na Cidade de Deus.

Se eu crescer vou criançar
se eu crescer adulto vou ficar.
Se eu crescer a adolescência vai me chamar
se eu crescer na juventude vou aproveitar.
Se eu crescer vou amadurecer
se eu crescer da velhice não vou correr.
Se eu crescer vou aprender
se eu crescer vou ser.
Se eu crescer vou acertar
se eu crescer vou errar.
Se eu crescer vou sorrir
Se eu crescer vou chorar.
Se eu crescer de nada vou desistir.
Se eu crescer vou ganhar
se eu crescer vou perder.
Se eu crescer vou admirar
se eu crescer quero me apaixonar.
Seu crescer desejo amar
se eu crescer vou lamentar odiar.
Se eu crescer vou tentar caminhar
se eu crescer o mundo vai me obrigar a parar.
Se eu crescer terei muitas alegrias
se eu crescer terei muitas tristezas.
Se eu crescer terei que procurar
se eu crescer acreditarei que vou encontrar.
Se eu crescer vou duvidar do desconhecido
se eu crescer vou experimentar.
Se eu crescer não quero ser enganada
se eu crescer quero conhecer alguém
que me fale a verdade.
Se eu crescer o futuro vai me mostrar surpresas incontáveis
Se eu crescer vencerei todos os obstáculos.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Como será?

Por Idalmir Figueiredo Correia



IDALMIR FIGUEIREDO CORREIA, natural da cidade de Joselândia – MA, é formado em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA) e pós-graduado em designer Digital. Aos seis anos de idade demonstrou apego pelas artes plásticas e pela escrita à partir da leitura de histórias em quadrinhos, por cuja literatura demonstrava enorme paixão. Começou a escrever seus primeiros poemas aos 19 anos de idade, quando se dedicava a elaborar peças teatrais para apresentação de um grupo jovem que participava na pequena cidade de Cumaru do Norte. Tempos depois, após concluir sua formação acadêmica em 2009, passou a valorizar mais ainda suas produções poéticas e seus dons artísticos, vendo sempre na integração dessas duas linguagens, a possiblidade de dinamizar seus projetos, até então restritos à sala de aula.

Como será o futuro da criança,
Com certos tipos de criação,
Onde o estado dita as regras,
Violando o direito dos pais,
Quebrando a tradição?

Como será o futuro da politica,
Com o relativismo da democracia
Que tira o direito do povo,
Violando sua autonomia?

Como será o futuro do planeta
Com tanta poluição,
Desmatamento, emissão de gases poluentes
Que ameaçam o meio ambiente,
Sem nenhuma restrição?

Como será o futuro da educação,
Sem o respeito ao professor,
Com escolas sob ataque
De elementos que tocam o terror?

Como será o futuro da sociedade,
Cujos membros perderam o respeito,
Desonrando suas famílias,
Violando o que é direito?

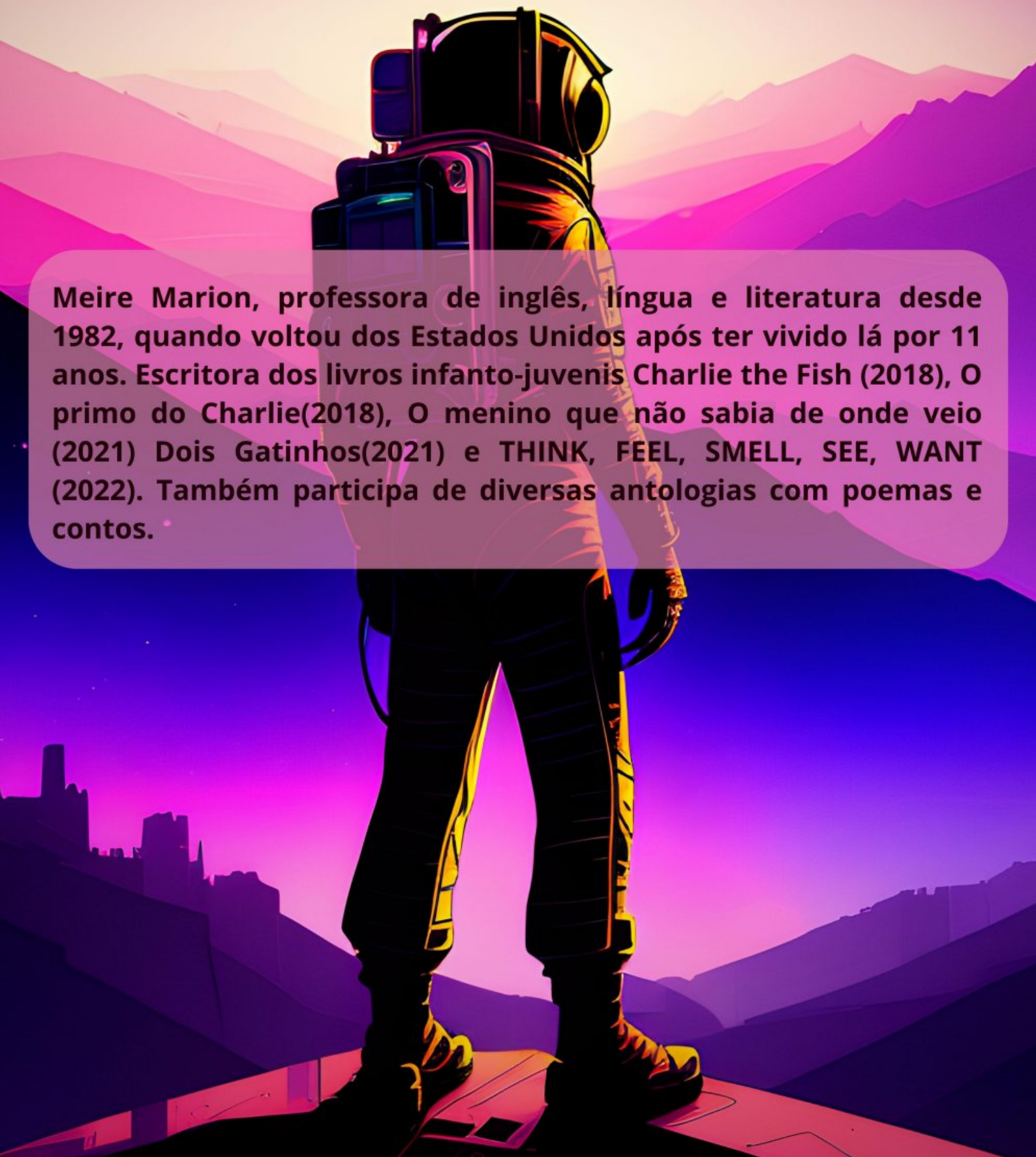
Sem dúvida,
São perguntas que nos inquietam,
Trazendo preocupações;
Pois são fatos que comprometem
O futuro de gerações.

Futuro que pode ser mudado
A partir do presente,
Com o cultivo de virtudes,
Com a prática de boas atitudes
Que devem envolver a gente.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Talvez Amanhã

Por Meire Marion



Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021) Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.

boa amizade, paixão, amor
sentimento explode à primeira vista
um olhar, um toque, uma palavra
um belo sorriso que transmite tanta emoção
um simples gesto de carinho

amor derrama pelos poros
no simples pensar no outro
seja amante, amigo, ou de sangue
o simples ato de amar sem receber nada em troca
um sentimento que pulsa
mesmo quando o físico não está mais presente

Talvez amanhã você me vê assim
Talvez amanhã sentirás o mesmo
Talvez amanhã vais me procurar
Talvez amanhã seja tarde
Talvez amanhã...

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Derrocada do Mal

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto “Como a Neve de Maio”. Colaborador das revistas digitais “Conexão Literatura”, “LiteraLivre” e “Obook”. Participou de duzentas e sessenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", “Era uma Vez um Outono”, “Vozes e Ecos” etc. Contato: rschima@bol.com.br.

"... E viu Deus que a luz era boa..."

A espaçonave era uma enorme catedral que cintilava prata.

O sol branco fez refletir seu fulgor sobre a superfície num faiscar cegante.

Ela viera de muito longe, símbolo da desilusão, do desespero e também da esperança.

— "Esperança", meu amigo? — dissera o Cardeal Desidério, havia muitas eras.

— Sim, Vossa Eminência.

— Pode me dizer por quê?

O homem, um dos projetistas do veículo, respondera num sussurro:

— Porque é tudo o que nos resta.

O Cardeal erguera a palma de sua mão como se saudasse o gigante prateado.

— Esperança é certamente importante. É o fio de luz que atravessará a longa escuridão. Todavia, antes de merecê-la, precisamos clamar pelo nosso perdão. Sugiro, pois, um outro nome...

E ele falou aos ouvidos do engenheiro.

— Compreendo, Vossa Eminência. Será providenciado.

— Agradeço, meu filho. Oraremos por um novo porto seguro.

E a catedral do infinito partira, reluzindo seus arcobotantes, torres, gárgulas e rosácea.

Era necessário ser uma espécie com uma elevada dose de esperança — senão Fé — para aventurar-se pelos desertos escuros de um céu sem anjos, numa viagem sem retorno. Lá, onde seus sonhos mais grandiosos significavam menos que a poeira diante da fome do Vazio no ímpeto de tragar suas almas.

Era preciso trazer no coração uma esperança desmedida, não obstante sua natureza nociva, para superar uma cordilheira de obstáculos atrás de um objetivo cujo resultado nunca conheceria em vida.

Teria de ter a esperança como a substância de sua existência, pois ela seria o motor, a estrada, o ideal a ser alcançado — sim, alcançado —, porém, por seus descendentes dali a milhares de gerações.

Não era por acaso que, agora, a prata da espaçonave cobria-se de um tipo de pátina das estrelas.

Seu brilho havia milhares de anos esmaecera.

Seus motores durante as últimas nebulosas se engasgaram.

Suas engrenagens ameaçavam travar após cruzar a abóbada dos éons.

E também não era obra do acaso o nome com que seus criadores a batizaram.

***

"Redenção".

Era esse o nome da espaçonave de prata, sugestão do Cardeal Desidério ora desfeito em pó.

Seus idealizadores procuravam redimir-se dos pecados de sua espécie, de suas cobiças, de suas vaidades, de suas traições, de suas invejas, de suas luxúrias, de seus hereditários ímpetos de destruição.

De um planeta inigualável em beleza e deslumbrante em vida, a humanidade legara um rochedo pútrido, banhado em pecado, fuligem e sangue.

— Precisamos recomeçar! — exortara um de seus líderes.

— A Fé move montanhas! — gritaram outros.

Porém, diante de uma montanha morta, o que haveria para ser movido?

Não foram nações, nem etnias, nem presidentes que migraram para as estrelas.

"Redenção" fora construída sob as ordens da Santa Madre Igreja. Dotada de recursos seculares, a Sé entregara seus tesouros, agora inúteis, a empresários e industriais cujas ambições persistiriam até o inevitável fim. Em troca, ela queria um veículo — uma arca se preferirem — que pudesse salvaguardar seu credo em algum lugar dos confins do Universo.

Assim, a inacreditável catedral de prata fora erguida, e, em seu interior sagrado, fizera-se abrigar o que de melhor existia em seu rebanho: milhares de homens e mulheres de Fé inabalável, rica erudição e conduta exemplar. Não hesitariam em sacrificar as próprias vidas em prol de um benefício maior o qual seria desfrutado por seus descendentes, milhares de anos depois do lançamento, nascidos no frio do espaço. Fizeram levar, ainda, sua vasta biblioteca, as sagradas escrituras, hinários, crônicas, pergaminhos, códices e até o processo de Galileu Galilei.

A espaçonave fora aspergida de água benta.

O Santo Padre dedicara-lhe o seu mais inspirado sermão.

Toda a congregação em prantos reunira-se no dia do lançamento.

E "Redenção", entre chamas e trovões, partira num espetacular feixe de luz.

***

Agora, finalmente, decorridas incontáveis gerações, "Redenção" encontrara um mundo capaz de sustentar formas de vida compatíveis a de seus tripulantes e passageiros.

— Abençoado mundo em toda a sua plenitude e glória!

— Louvado seja o Senhor!

A espaçonave viajara por uma eternidade até chegar esse momento.

O epílogo de uma longa era de infortúnios e a promessa de uma nova gênese...

... *Gênesis*!

Infinitas atribulações acometeram os membros da congregação ao longo das gerações. Em que pesasse toda a preparação espiritual, alguns descendentes se perderam do caminho do bem e antigos fantasmas voltaram a assombrar a comunidade. Indisciplinas, protestos, rebeliões e, infelizmente, até homicídios ocorreram no decorrer dos séculos e séculos.

"... Onde está Abel, teu irmão?..."

Todavia, a esperança continuava a ser o bem maior de todos, impregnada em seus íntimos como uma segunda natureza, uma diretriz gravada a ferro e fogo.

A qualquer preço.

Sem importar os sacrifícios.

Tampouco as suas consequências.

A natureza adaptativa, as preces, os jejuns, os incontáveis esforços, as transformações interiores e exteriores prevaleceram.

E, de um modo ou de outro, todos os habitantes de "Redenção" e as gerações que os precederam mudaram através do acúmulo de pequeninas transformações.

A harmonia prevalecera.

A crueldade fora expurgada.

A esperança mantivera-se incólume.

Instintos guerreiros foram, enfim, extirpados.

Uma seleção não natural pelo Bem.

A sobrevivência do mais apto.

Geração após outra e outra.

A derrocada do Mal.

***

Era um momento histórico.

No interior da espaçonave de prata, a turba estava em polvorosa.

— Enfim, cá estamos... — falou o representante eleito dos herdeiros a sua congregação. E gritou para o alto: — Obrigado!

— Louvado seja o Senhor! — repetiu o coro de milhares de vozes. E também gritaram: — Obrigado!

— Agradecemos a Sua misericórdia, a Sua proteção, as Suas bênçãos e o término da longa jornada.

— Louvado seja o Senhor!

O som reverberou nos arcos ogivais de prata por todas as dependências. Vitrais estremeceram.

Um hino de louvor fez-se ouvir do respeitável órgão que a espaçonave transportava.

— Aqui estamos, os filhos da Criação, diante de um novo planeta. Fomos feitos à imagem e semelhança do Criador. A Ele tudo devemos e agradecemos.

Alguns olharam para si e aqueles mais próximos. Hesitaram um momento ante a menção da palavra "semelhança", mas, logo, a literalidade do conflito diluiu-se e a paz retornou aos seus espíritos. Seguiram felizes a voz do rebanho:

— Louvado seja o Senhor!

E o representante, embargado pela emoção, pronunciou as sagradas palavras que seus ancestrais nas cidades corroídas e planícies devastadas somente sonharam e murmuraram antes de adormecer:

— "Deem-se às mãos e vamos orar por nosso novo porto seguro."

"Mãos" era tão somente um termo arcaico que fora preservado, assim como vários outros, por mera questão de tradição. Depois que tivessem desembarcado, erguido sua nova Igreja e a colônia ao seu redor, os peregrinos teriam que criar uma comissão de linguistas para as adaptações necessárias.

Eis, pois, que os descendentes da humanidade tiveram de adaptar-se, espiritual e *fisicamente*, a fim de expulsar o Mal que os seguira fincado no interior de suas células e cromossomos.

Esticaram seus pseudópodes gelatinosos e, assim, deram-se as "mãos". Membranas romperam-se e seus conteúdos citoplasmáticos misturaram-se, permutaram-se, fundiram-se, harmonizaram-se.

Um eram todos.

Todos eram um.

A imensa massa gelatinosa preparou-se para a aterrissagem da "Redenção" e a aurora de um novo e memorável dia.

Seu novo Éden os aguardava: uma aprazível esfera carregada de amônia, enxofre e metano líquido.

Através dos vestígios do que um dia foram vozes, emitiram seus sons borbulhantes em prece.

Assim, a humanidade metamorfoseada alcançara o Paraíso.

Longe da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Liberta da tentação pelos insidiosos frutos.

Abdicada daquilo que a tornava humana.

Livre do jugo de sua serpente interior.

Ah, sim, a luz era, de fato, tão boa...

***

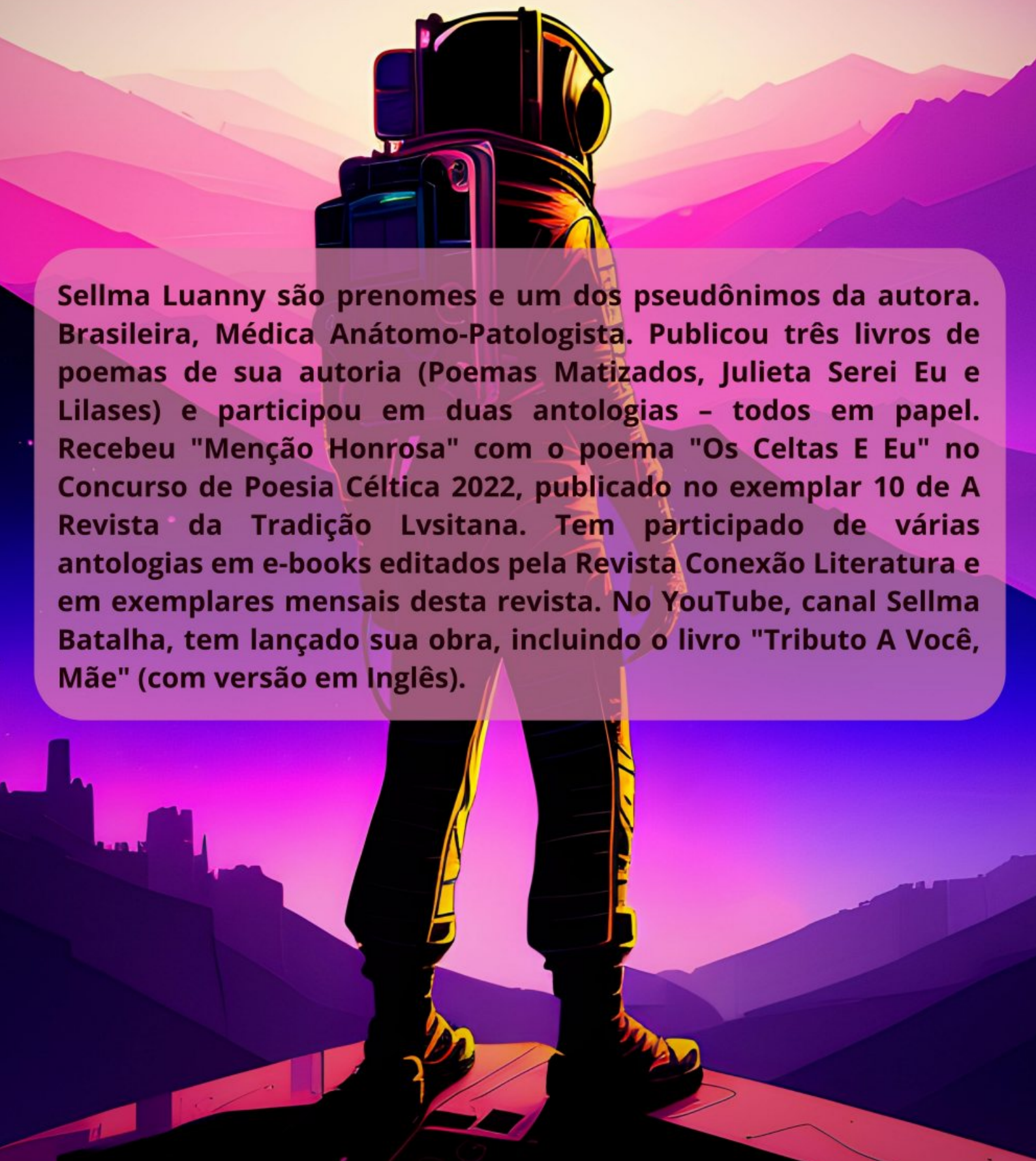
NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado na antologia "O Espantoso Mundo da Antecipação - vol. 1" (Elemental Editoração, 2020), organizada por Alessandra Soletti e Maurício Coelho.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Voando

Por Sellma Luanny



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Estendi as asas
Voo alcei
Pelos espaços
Leve flutuei.

Vi dos mares
Um rendilhar
Continuamente
A avançar.

Vi os desertos
Corcoveantes
Amarelos
Senhores.

E as cidades
Artificiais
Cinzentas
Disformes.

Das florestas
Vi o verde
Ondulante
Corroído.

E as montanhas
E os seus picos
Nevados
Maculados.

E então os polos
Contraídos
A esvairem-se
Em icebergs.

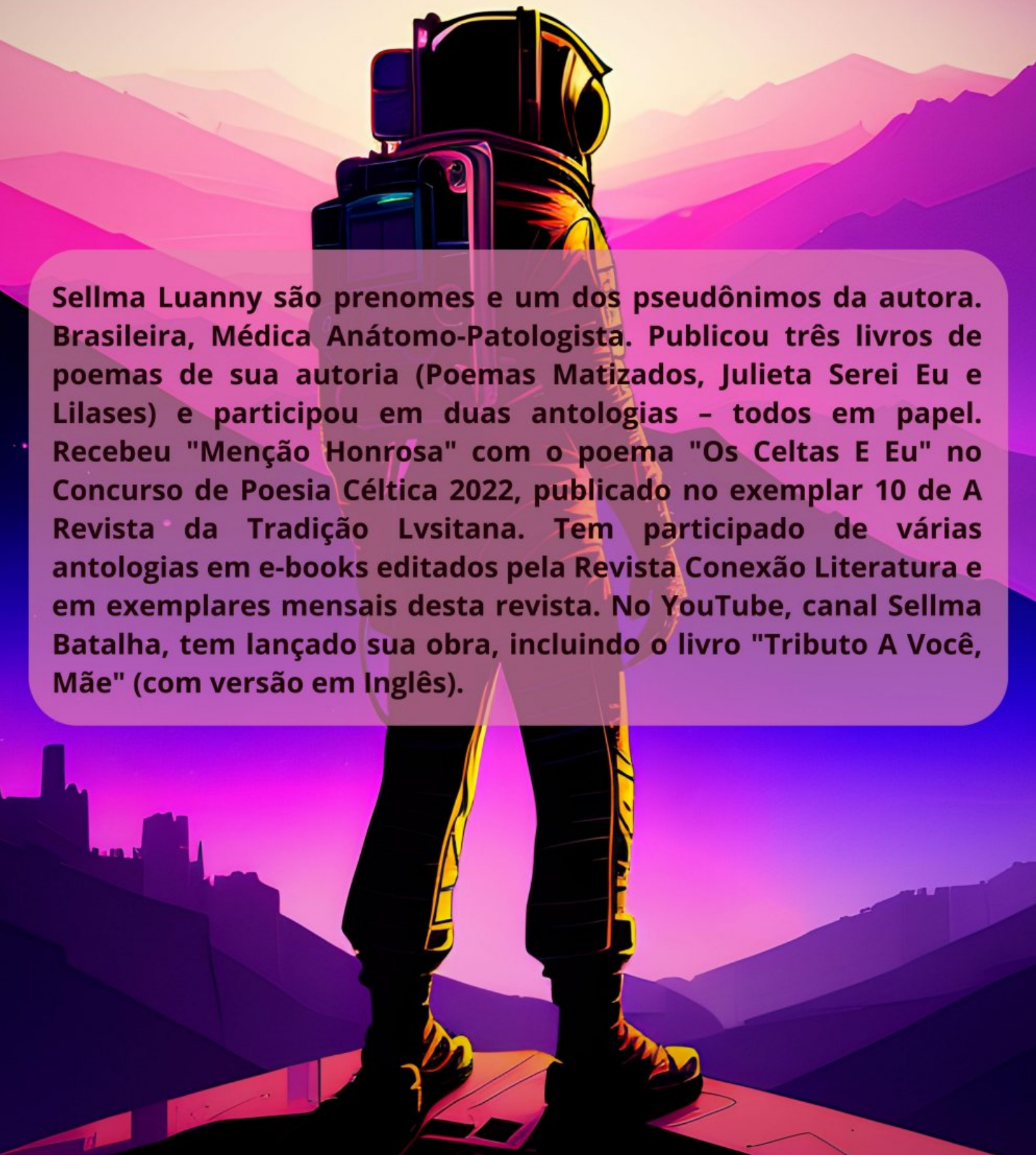
E a poeira
A tudo cobrir
E a camuflar
O poluidor.

E eu não queria
Mais pousar
Mas desfazer-me
Em átomos no ar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nada Vem Com Garantia

Por Sellma Luanny



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Nada chega de graça e com garantias!...
Ao acordarmos, da noite,
que temos a impressão que nos foi garantida
e que nos envolveu e os nossos olhos fechou
para incógnitos, em meio ao extraordinário, nos embrenharmos,
quanta coisa aconteceu!...
Aos vizinhos, amigos... e aos milhares e milhares de desconhecidos...
E não fomos poupados por sermos "bons",
"melhor rezarmos" ou angelicamente dormirmos
ou por qualquer outra superior razão.
A nossa noite de tristezas ou tragédias,
se não for antecipada por um dia com insuperáveis fatalidades,
certamente chegará... só não temos dela, noção.
Possível não é divisar o ato que ainda não foi encenado.

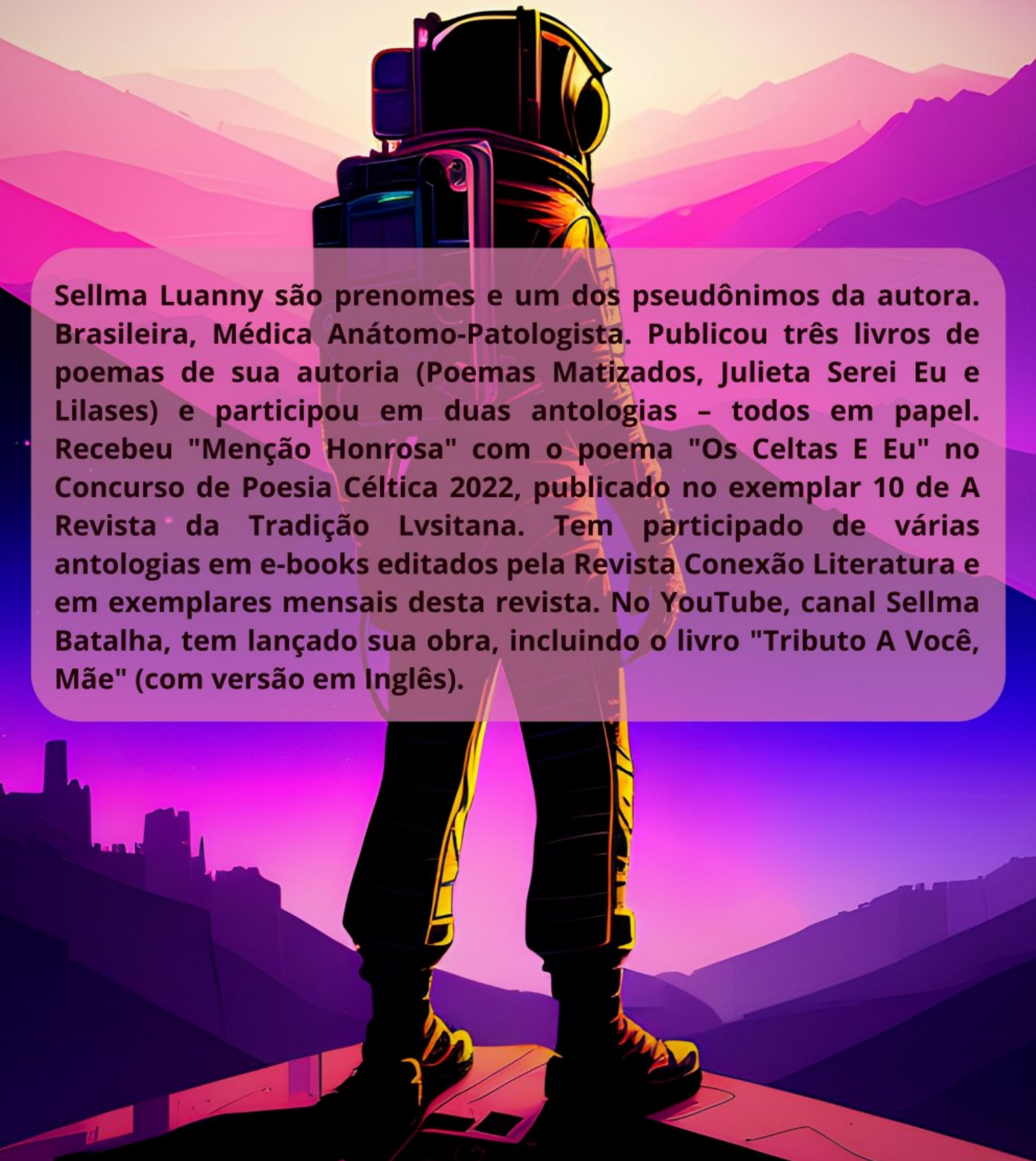
Do que não é certo, muito menos conhecido,
das nossas mãos e entendimento, nos escapa.
Podemos bordar, aqui e ali apenas, um ponto no presente.
E esperar que o bordado final, a nos agraciar, brilhe.

O correr da vida vem aos bocados e aos tropeços...
Não nos apanhemos a nos iludir!
Hoje, feliz e contente... maravilha! O amanhã?

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sem Limites

Por Sellma Luanny



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Espaço sem fronteiras.
E contínuos, o impulso
e a avidez.

E ao ávido, nada obsta.
Para épicos voos,
o desconhecido a chamar.

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Tempo Urge

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Lá fora, à espera
e a chamar, o dia.
Pressupondo ação.
Mas, no íntimo, reina a letargia.

Onde estou, que não ajo?
Por que nada acontece?
Não consigo precisar.
E a inconsistência lateja.

O caminho, preciso definir.
Tomar a direção mais apropriada.
Sair do vazio e seguir.
Ao que urge, conceder.

A hora de agir, imagino,
que seja como um comboio
que passa raramente
e pelo vencido, não suspira nem conta.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**